

BASTA E FAMÍLIA: INFLUÊNCIAS DO DEBATE SOBRE FAMÍLIA NO CONTEXTO DE REFLEXÃO DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA, UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Fernanda Furlanetto
Kamila Andressa Rabuske
Marta Luana Grünwaldt

Resumo

O presente texto representa um requisito para obtenção de nota dos componentes de Estágio I e Clínica da Família. E vem propor uma atualização da metodologia do programa Basta. Isso através da inserção de discussões sobre a família através de imagens da família e do genograma, além de contar com a participação de familiares no grupo.

O grupo Basta foi implantado na cidade de Pinhalzinho e Maravilha no ano de 2021 como uma parceria entre o judiciário e a UNOESC. Tendo como objetivo "Desenvolver grupos reflexivos e terapêuticos com homens autores de violência contra a mulher em contexto de violência doméstica encaminhados pelo poder judiciário através de medida protetiva". Pra isso, o programa Basta se propõe a: "Promover um espaço de escuta compartilhada, através da troca de experiências", "Estimular o rompimento do ciclo de violência" e "Ajudar os autores no reconhecimento dos efeitos da violência nos contextos em que estão inseridos".

A metodologia de trabalho utilizada no programa Basta orienta-se pela metodologia Noos. Essa metodologia, segundo Beiras e Bronz (2016), propõe

a criação de grupos reflexivos de gênero, incluindo assim os homens no processo de promoção de maior equidade e igualdade para a justiça de gênero. Esta iniciativa ancora-se na abertura criada pela Lei Maria da Penha, tida como um marco legal, na inclusão do trabalho com os homens autores de violência no seu rol de ações. Sobre esses homens autores de violência Beiras e Bronz (p.7, 2016) indicam que “Se eles são parte do problema, precisam ser considerados parte da solução”.

No programa Basta alguns temas tem a prioridade de serem trazidos para o grupo, como por exemplo: impactos da lei Maria da penha, ciúmes, paternidade, papéis de gênero, comunicação não violenta, autoimagem, dentre outros. Todavia, é possível perceber que, em que pese as discussões sobre relacionamentos, em poucas, ou nenhuma ocasião o tema família é explicitamente abordado. Esse fato constitui-se como o problema ao qual o presente trabalho busca propor estratégias para abordar a relação dos homens participantes com suas famílias.

Desta forma o presente projeto busca adicionar ao Programa Basta, com sua metodologia já consolidada e reconhecida, um enfoque na temática da família. Compreendida como um espaço de socialização e de busca coletiva por estratégias de sobrevivência, a família também pode ser vista como um local para exercício da cidadania e para o desenvolvimento individual (FACO; MERCHIORI, 2009). Assim sendo, o presente projeto busca pensar o enfrentamento da violência de gênero em interface com os diversos arranjos e dinâmicas familiares.

O objetivo geral desse projeto é: Integrar o debate sobre família nos grupos reflexivos do programa Basta, com intuito de fortalecimento dos vínculos familiares e enfrentamento da violência de gênero. Já os específicos são: Conhecer o sistema familiar dos integrantes do grupo, seus arranjos, dinâmicas e possíveis modos de sofrimento; Facilitar a compreensão e a expressão verbal subjetiva dos integrantes do grupo, sobre as histórias e papéis de gênero ocupados na família; e possibilitar a integração familiar no processo dos grupos reflexivos, fortalecendo os vínculos e suporte aos homens.

Para alcançar o primeiro objetivo específico, um dos recursos objetivados no projeto, é o Genograma Familiar, que consiste em uma expressão ou representação gráfica da família. Ele é um instrumento de avaliação e intervenção que proporciona uma aproximação com as histórias, com vínculos, com as heranças simbólicas, dentre outros. De forma resumida, proporciona aproximação com o sistema familiar do indivíduo e seu funcionamento (WERLANG; KRUGER,2008).

O Genograma pode ser utilizado em diversos contextos, e, nossa proposta é utiliza-lo no grupo BASTA, onde muitas vezes a violência vêm de um ciclo, ou seja, já está presente em outras relações, como, por exemplo, quando o filho, autor de violência na vida adulta, sofreu agressões da figura paterna durante a infância, ou ainda, o filho ter presenciado momentos de violência entre figura paterna e materna (RODRIGUES; CHALHUB, 2014).

Outra técnica pensada para o projeto é solicitar que os participantes escolham fotografias de sua família nuclear e/ou extensa. Para Gil e Tardivo (2011, p. 23), a fotografia pode ser entendida como um elemento de investigação e intervenção psicanalítica, visto que é uma produção cultural e tem relação direta com a memória, possível de vários registros. Uma vez que há a captura de um objeto torna-se desnecessário a sua presença, e a fotografia acaba por servir como uma mediadora da realidade (JUSTO; VASCONCELOS, 2009). Ela enquadra uma realidade, trazendo para o presente, um fragmento do passado. Trata-se de um elemento complexo capaz de fomentar processos subjetivos, através do dialogar, o colocar-se diante de si mesmo e reconstruir-se.

Outro aspecto positivo da fotografia é que, muitas vezes, algumas pessoas podem possuir dificuldades em expressar verbalmente determinados assuntos, sendo assim, o uso da foto poderia auxiliar na comunicação destes significados (SILVA; KOLLER, 2002). Tal como escrevem os autores, a imagem "abre caminho para a expressão do sujeito, de sua subjetividade e de seu modo de ver e compreender suas vivências. É um exercício cognitivo de criar e recriar mundos" (JUSTO; VASCONCELOS, 2009, p.12).

Conclui-se que, seja qual for sua estrutura, a família constitui o meio relacional básico para as relações do indivíduo com a sociedade. Ela tem papel significativo na formação do sujeito e, desta forma, possui potencial para contribuir no entendimento de sua constituição e na construção de estratégias de enfrentamento visando romper com os ciclos de violência que perpassam as vivências dos integrantes do Grupo Basta.

REFERÊNCIAS

BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan. Metodologia de Grupos Reflexivos de Gênero. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016. Disponível em: https://noos.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Metodologia-Noos_PDF-final.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

FACO, Vanessa Marque Gibran; MELCHIORI, Lígia Ebner. Conceito de Família: adolescentes na zona rural e urbana. IN. VALLE, T. G. M. (org) Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/kvj5p/pdf/%20valle-9788598605999-07.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

GIL, Cláudia Aranha; TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury. A oficina de cartas, fotografias e lembranças como intervenção psicoterapêutica grupal com idosos. Psicologia da Saúde: São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/2214/3050>. Acesso em: 24 Maio. 2021.

JUSTO, Joana Sanches; VASCONCELOS, Mário Sérgio. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. Estudos e Pesquisas em Psicologia: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n3/v9n3a13.pdf>. Acesso em: 22 Maio. 2021.

RODRIGUES, Luciana Santos; CHALHUB, Anderson Almeida. Contextos familiares violentos: da vivência de filho à experiência de pai, Revista Pensando Famílias, vol.18, no. 2 Porto Alegre dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200007). Acesso em 19 Maio. 2021.

SILVA, Lucas Neiva; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia, Revista Estudos de Psicologia, ed. 07, nº 2, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a05v07n2.pdf>. Acesso em: 22 Maio. 2021.

WERLANG, Blanca Susana Guevara; KRUGER, Liara Lopes. O genograma como recurso no espaço convencional terapeutico, Revista Avaliação Psicológica, v.7, n.3, Porto Alegre, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000300013. Acesso em: 17 maio. 2021.